

Publica-se aos sabbados
Sob os auspícios da Liga
Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO. 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda correspondência ao director

Matai, matai
muito!

São estas as ordens que recebem e que devem executar à risca os milhões de homens, os milhões de jovens soldados na primavera da vida que compõem os milhares de regimentos que rolam pelos campos do velho continente ou que sobre os mares enchem os bojos das máquinas de ferro formando a marujada das formidáveis esquadras das potencias em guerra.

Bellona e Marte imperam agora sobre o planeta!
A loucura guerreira vai pouco a pouco se apoderando de todas as almas: não se fala em outra coisa neste momento.

Ai daqueles que tentarem, agora, nos países cofragrados, recusar seguir os que são mandados para os campos de batalha e que tentarem ainda desportar na consciencia destas massas em movimento, dessas multidões de homens em delirio de destruição e morte, o sentimento de humanidade, um lampejo de razão, um minuto de calma e de retomada de si mesmo diante dos grandes males, das irreparáveis desgraças que advirão da colossal hecatombe que jamais foi vista sobre a terra!

Assim é que já nos dão noticia de fuzilamentos como o de Liebnecht e de Rosa de Luxemburgo e de outros socialistas, na Alemanha.

Parece não estarem confirmadas estas lugubres noticias, porém não seria de estranhar que fossem verdadeiras, atendendo-se ao espirito de odio dos individuos que prepararam a catastrofe horreada que enluta toda a humanidade presentemente.

Se bem que seja um facto a morte de Jaurès, a primeira vittima que tombou logo ao iniciar-se a guerra, recusamo-nos a acreditar que a brutalidade humana possa ir a tais extremos de crueldade nos nossos dias, em pleno seculo XX.

Bem sabemos que para as nações que já puxaram das espadas e que se batem em terra ou sobre os mares deve ter desaparecido, neste momento, todo sentimento de paz; domina agora tão somente a fera que no homem está escondida e que na primeira occasião lança-se á carnificina para no sangue das victimas saciar-se á vontade.

Estas massas que se destroem sem nenhuma razão plausivel, sem saberem o porque das combinações da diplomacia, obedecendo tão somente a ordens que lhes são ditadas, não podem entretanto de um dia para o outro terem esquecido o que leram, ou que ouviram da boca daqueles que procuram mostrar-lhes onde estão os seus verdadeiros interesses.

E que boa occasião, excepcionalmente favoravel, se apresenta para fazer-se obra duradoura!

Suponhamos toda esta massa de proletarios amada até aos dentes entendendo-se e voltando as armas contra os seus opressores. Que bela obra não faria, que golpe certo no tronco da famosa arvore de que nos fala Faure na Dor Universal!

E então não mais guerras, não mais morticínios, não mais odios estúpidos de povo para povo; a paz, a felicidade, a fraternidade, o amor, a justiça, a vida enfim como ela deve ser compreendida em toda a sua beleza, desembaraçada das fealdades que a tornam tão insupportavel, que fazem dela um tão pesado fardo para os que trabalham, para os que produzem.

Que passe o vendaval purificador, e que os que ficarem possam enfim respirar num ambiente mais puro do que este em que vivemos.

Se tal puder acontecer, o sangue que for derramado terá servido a alguma coisa pelo menos.

Rio, 24 - 8 - 914.

Adrecal.

Tambem o Papa Negro esticou o pernil

A Igreja perdeu numa mesma semana, e quasi no mesmo dia, os seus dois papas: Pio Xis e o geral dos jesuitas, o chamado Papa Negro.

Segundo se afirma, é ele, o superior da Companhia de Jesus, o verdadeiro interprete dos dirigentes da Igreja.

O papa que tem a sua sede no Vaticano não passa, em ultima hipotese, de uma figura de exhibição, cujos actos reflectem mais directamente a vontade dos chefes dos elementos clericais, que tem a sua representação publica no Papa Negro.

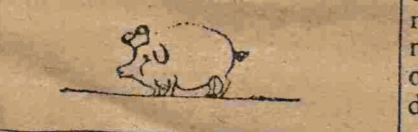
Era ele agora um frade alemão, que faleceu na semana passada.

O passamento de José Sarto, no meio faustoso do Vaticano, fez passar quasi despercebida a noticia da sua morte.

Entretanto, muito não se poderia dizer ao seu respeito, pois a sua vida, como as dos seus antecessores, esteve sempre abrigada sob o impenetravel misterio com que se desenvolve a actividade dessa tenebrosa Companhia de Jesus.

Da morte do Papa Negro dizemos o mesmo que dissemos sobre o falecimento Pio X: Imensa seria a nossa satisfação se outro não o substituisse imediatamente na função odiosa que lhe compete desenvolver na vida da humanidade.

De alegria, de indescriptivel alegria será o dia em que se possa registar o desaparecimento do ultimo desses vampiros humanos.



VIOLENCIAS POLICIAIS

A policia, conhecendo a gravidade da situação do povo e sabendo bem que os capitalistas e governantes nada farão de positivo para a minorar, está certa de que, de um momento para outro, os sem trabalho, os famintos serão forçados a conseguir pelas suas proprias mãos o necessario para matar a fome.

E como está convencida disso e quer antecipadamente justificar as violencias que vai praticar, caso o povo se disponha a agir, anda a prender operarios a torto e direito sob o pretexto de distribuição de boletins revolucionarios.

No dia 19, no bairro do Braz, segundo nos informam, foi preso um operario que, apesar do seu milindroso estado de saúde, esteve fechado 3 dias e durante 33 horas num frio xadrez sem receber alimento algum, dormindo no chão!

E viva a inquisição paulistana!

Um outro operario foi também preso no largo da Sé, na noite de 20 do corrente, sem que tenham sido preenchidas as formalidades legais da formação de culpa!

Denunciamos mais este crime á consciencia popular.

Não matarás...



Más os instrumentos de destruição recebem a benção dos padres de todas as religiões.

DE PARIS
O CASO MADAME CAILLAUX
HARPIAS DE SALÕES

Declaração de Mme. Caillaux:
«Eu sofria profundamente com todos esses ataques e fui por eles tanto mais ulcerada que, desde a formação do ministerio Doumergue, eu via cada vez mais o vacuo em volta de mim e maneiras hostis nos salões que eu frequentava.»

Os grandes salões, pontos de reunião da alta burguesia, são, sob a mascara hipocrita da urbanidade, asilos de maldade, inveja e provocação. Ali é que se preparam, lenta mas seguramente, os actos tragicos que ceifam vidas humanas. Cada salão mundano é um laboratorio de crimes.

A «dama» que assassina o marido, o cavalheiro que faz fogo sobre a amante, as rivais que se matam umas ás outras, a injuriada que se vingava de «browning» em punho; outras tantas victimas dos salões.

E sobretudo para a mulher que a atmosfera dos salões é malsã e são sempre as mulheres que se encarregam de armar o braço d'«esta querida amiga», d'«esta querida senhora.»

Quando os homens se atacam entre si, fazem-no brutalmente. Mordem-se em presença de todos como buldogues, cobrem-se de injurias, rasgam o peitinho branco do gentil-homem para estadejar a sua humanidade má. Se para um deles a guerra toma ruim feição, rest he a luva para atirar á face do adversario. A pantomina do duelo limpa a lama toda aos olhos do mundo, e, depois do recontro no campo da honra, está o caso fechado até outra vez.

As «madamas» tem mais fidelidade e menos coragem. Nunca se abandonam a um combate aberto: operam á socapa e vibram golpes mais perigosos por serem dissimulados. As suas armas são as caretas, as palavras melifluas embulhando alusões contundentes, os sorrisos furtivos, os segredinhos oportunos, os olhares insolentes, as compaixões mentirosas e humilhantes.

Madame X. tem desgraças conjugais, que ela ignora, mas das quais as suas «queridas amigas» estão ao corrente. Logo que Mme. X. entra num salão, há um rugir-rugir de saias, um roçar de sedas, um remoinho de cabeleiras que se curvam, uma suspeita de mofa no canto dos labios. Cumprimentam-na vezes com entonação zombeteira e adocicada. A conversação é interrompida. Algumas, quando ela se acerca, arranjam uma postura que fica-

ria bem num enterro de primeira classe. Um homem não compreenderia, mas Mme. X. adivinha. Contorce-se, sente-se mal, tem a impressão de que, de repente, se lhe rasgou o vestido bem no meio, andando olhares indiscretos a perscrutar-lhe a roupa branca. E a aventura repete-se, acentua-se. As alusões tornam-se mais directas, até que a esposa venha a saber tudo, — da boca da sua «grande amiga», se preciso for. Então, num impeto de revolta contra todos os atriros suportados, lança-se a atacar o marido, visado pelas flechas enfeitadas mas envenenadas dos salões, Mme. X. mata.

E certo que Mme. Caillaux se viu nesse caso e que as «mundanas» frequentadoras dos salões politicos e sobretudo, sem duvida, do da presidencia a empurraram aos poucos para o assassinato. O Figaro é lido naquele meio. Cada ataque era ali comentado, saboreado como uma chavena de chá açucarado, e as «queridas amigas» eram as primeiras a aplaudir. Como o marido era ministro, ninguém ousava atacá-lo directamente, e quando ele passava, todos se inclinavam. Mas desforravam-se contra a mulher. A cobardia é a característica desse meio corrupto. Tinham medo do ministro: mais uma razão para se encarnicarem contra a esposa, irresponsavel, mas mais fraca. Fez-se o vacuo em torno dela. Ela sentiu-se a empastada.

Havia sorrisos maldosos, quando ela se aproximava. Circularam historias a seu respeito. Cataram-lhe a vida privada. Constrangida pela sua posição a mostrar-se, não pode escapar ás ferozes lambisgoas que ganharam gosto pelo seu desporto de algozes. Crivaram-na de alfinetadas, e ela teve que aceitar, sem pestanejar, os mais offensivos subentendidos. Não tinha o direito de se encabritar, não tinha sequer o direito de se defender, pois só a atacavam com sorrisos e trejeitos. A crueldade desta guerra aumentava com o facto de se esquivarem adversarios, que abriam chagas vivas protestando a mais viva simpatia. As recepções tomavam o caracter de torturas.

A paciente era dilacerada. Acertavam-lhe todos os tiros. Escorria sangue. Quanto mais ferida a viam, maior gosto tomavam pela diversão. Não precisavam de estar com reservas, pois a nenhuma represalia se expunham. Ha sempre necessidade de uma vittima para entreter as ociosas que não tem outra occupação senão pavonearem-se e fazerem mal. A ministra foi nos salões como o touro na arena. Crivaram-na de bandarilhas, e um belo dia, com o coração chagado sob o

seu vestido de dama, precipitou-se sobre quem desencadeava aquela tempestade de fel. Matou. E as «queridas madamas» clamaram contra a assassina.

Na realidade, foram as frequentadoras dos salões que lhe armaram a mão, são elas as principais responsaveis, elas que ontem se regalaram com o escandalo e que hoje, no tribunal, desejariam fazer alarde das suas toilettes e formulam ardentes votos por um veredicto implacavel.

Porque são tão cruéis, tão perversas, tão cobardes? Porque a sua existencia é vazia. Porque, além da preocupação do enfeite, não tem mais cuidado algum. Vivem para tirar proveito e fazer mal. Possuidas pelo enfado, dissimulam garras dentro dos seus regalos caros. O ambiente em que vivem fez delas bonecas com alma de furias.

Chicote nessas megeras malfezidas. Uma vassourada na alta roda! E' uma vergonha que a multidão ande a trabalhar e a sofrer para manter essa lepra doirada!

Uma vassourada no Salão que, segundo o verso de Baudelaire, se pode comparar com:
Une oasis d'horreur dans un désert
d'ennui.

Marcela Capy.

LAGRIMAS DE CROCODILO

Hoje como ha onze anos...

O sentimento de religiosidade, que caracteriza alguns povos, não existe no Brazil, tanto assim que um sacerdote catolico, o presbitero Mancio Phalaethes, disse, num seu trabalho, que o brasileiro ilustrado é ateu.

A constatação é rigorosamente verdadeira. Em geral, no Brazil, as classes ilustradas são irreligiosas. E' muito raro ver-se, nas igrejas, um homem de verdadeiro merito intelectual, e os poucos homens ilustrados que as frequentam, ou fazem-no por hipocrisia ou porque a idade senil os tornou imbecis.

Entretanto, esses ateus, livres-pensadores e haeckelianos não são coerentes com os seus principios e entram nos templos catolicos, onde vão assistir missas do setimo e trigésimo dia, servir de parainfos em casamentos e de padrinhos em batizados.

E porque essa gente é incoerente, a Republica leiga que eles fizeram e governam sofre da mesma doença, e nestes ultimos dias deu-nos um espectáculo edificante, cobrindo-se de luto pela morte do velho inutil que lá, do Vaticano, lançara anathemas sobre o pensamento emancipado.

O espectáculo que nós assistimos é desses que envergonham um povo. Bandeiras em funeral em todos as repartições, quando o povo se conservava absolutamente indiferent a essa morte de um septuagenario, em Roma, lá no imenso casarão do Vaticano.

Na camara estadual e no Senado, sem um protesto dos livres-pensadores que nessas casas tem assento, lança-se na acta votos de pesar pela morte de Pio X e suspende-se a sessão.

Associações, compostas de gente de todos os credos, lançam votos de pesar nas actas de suas sessões, e até as casas de tavolagem arvoram as suas bandeiras em funeral...

E muita gente fez isso mecanicamente, sem saber o que fez, por espirito de imitação, ou para vêr os seus nomes nos jornais.
Desgraçado paiz!

CARTAS AOS TRABALHADORES

II

Apareceu em dias da semana passada, profusamente esplihado por todos os bairros desta cidade e sobretudo naqueles de maior aglomeração operaria, um curioso e extranho boletim. Era endieçado aos trabalhadores de S. Paulo, e os seus sinatarios, embora ocultando cuidadosamente os nomes, declaravam-se, com arrogancia e decisão, «operarios que não são anarquistas».

E' este um documento interessante, que nós, embora supondo-o conhecido da maior parte dos que nos lêem, resumiremos em poucas e rapidas palavras para, aproveitando tão ambicionado ensejo, fazer-mos a seu respeito os comentarios que julgamos oportunos.

Esse boletim famoso, quanto ao seu contexto, de um rico sabor autoritario pôde ser logicamente dividido em tres partes distintas, como os termos de um silogismo, mas como os termos de um silogismo, combinados e dependentes entre si. De outra maneira haveria erro de argumento, e nós temos enorme prazer em constatar que o boletim em questão não erra no seu argumento final. Ele se impõe clara e resolutamente a quem quer que o tenha lido.

A primeira parte — e esta gratamente a acatamos, porque largamente a merecemos — compreende o conjunto de tocantes amabilidades com que os sinatarios se dizem honrar os seus falsos amigos, os anarquistas, a quem os senhores «operarios que não são» atribuem toda a sorte de intenções más, ferozes e tendenciosas, que, inelutavelmente, conduzem a uma perdição irremediavel. São eles, os anarquistas, que na expressão azulado do aviso, querem explorar a boa-fé e o desespero dos trabalhadores, mandando-os lutar na praça publica, enquanto eles, comodamente instalados nas suas casas, entre cigarros e licores, redigem artigos e boletins contra os burguezes e o governo. (Esta palavra — governo — encontra-se no aviso com G maisculo).

A segunda parte, muito mais tranquilizadora, pois que é um incitamento á ordem, proclama num estilo veemente e audaz, entremeadado de enteneceidos lugares comuns, as virtudes incomparaveis do sentimento burguez, da justiça burgueza do estado burguez, de cuja infinita sabedoria e longanimidade infinita tudo devem e tudo tem a esperar as classes trabalhadoras, só momentaneamente atingidas por uma crise momentanea, e pela qual, de resto, não é responsavel nem o governo do estado nem a sua burguezia. E assim exclamam os sinatarios do aviso, os prudentes senhores «que não são operarios anarquistas»: «Que culpa tem o Estado de S. Paula da crise presente?»

Enfim a terceira e ultima parte, como conclusão que é das precedentes, é também das tres a menos appetitosa. Depois dos sinatarios nos denunciarem, advertida e paternalmente o inimigo — o anarquista, com o seu desrespeito á lei, á propriedade, aos poderes constituídos, e susceptivel, portanto, de nos arrastar a empresas sanguinolentas contra a ordem existente — comprimimos entre os termos terríveis deste terrível dilema: ou aceitais a esmolta que o governo e a burguezia nos oferecem, no seu illimitado amor por vós, pelas vossas mulheres e pelos vossos filhos, ou não a aceitais, e então, em tal caso preparai-vos para o massacre e para a prisão se a vossa rebeldia e essa coisa a que chamais dignidade se atreverem a vir á praça publica desasocagar o burguez pacifico e piedoso.

Nem mais nem menos, meus carissimos amigos. A isto se chama a força da logica e a energia do argumento. Argumento, como vêdes, simples, claro, decisivo e rutilante.

Parece-nos que é quanto basta. Diante desse breve resumo, sintese benevola de uma ideia claramente

MALES DA GUERRA

Sob o regimenda fome

A miseria é incalculavel e ameaça trazer graves consequências, dizem os órgãos do bispado e do governo e um senador — Esteve imponente o comicio dos trabalhadores — A policia tinha terriveis intenções — Outras notas.

expressa, não ha decerto, um unico trabalhador, por mais inacreditavelmente ingenho, que, sem nenhum esforço de intelligencia, com a simples intuición do seu sofrimento, hesite em denunciar a si mesmo, ao seu raciocinio e os seu hom senso, a fonte de onde brotaram tão extranhas palavras, astuta e traçoeramente atribuidas a operarios não anarquistas. Sim, meus pobres amigos, os operarios ainda quando não sejam anarquistas — e nós sinceramente acreditamos que todos o são, embora em estado latente e de sub-consciencia — não poderiam assumir nunca a responsabilidade de afirmações como as contidas no famigerado boletim — profundamente burguezas, caracteristicamente conservadoras e essencialmente autoritarias. Seria uma ignominia e seria uma traição, que operarios conscientes e honrados não cometem nunca contra pobres companheiros do infuntunio, diante dos quais o que, habitualmente, fazem é esquecer os seus proprios interesses e até, quando preciso, as suas particulares convicções. E nisto nada ha de extraordinario. E' simplesmente o resultado logico desta coisa humana e logica: — o sentimento da solidariedade fortemente radicado na alma dos trabalhadores, sentimento que é hoje a sua força e será, amanhã, o seu triunfo.

Portanto, é claro que nada temos que ver com os honrados companheiros que não são anarquistas. A esses estimamo-los tanto ou mais que áqueles que o são, e isto por força desse elemental sentimento de justiça que nos leva a conceder, de preferencia, a nossa simpatia áqueles que mais dela necessitam — porque são esses certamente para nós os mais desgraçados.

E a nossa convicção, a este respeito, é de tal natureza e tão fortemente nos domina, que nos absteemos de analisar detalhadamente a substancia do aviso, significativo como sintoma do terror burguez, petulante e espalhafatoso como argumento e promessa. Pois é certo que se nos restara a mais ligeira duvida, daqui mesmo, destas colunas amigas, desafiaríamos os autores do fantastico boletim a rasgarem leal e robramente o vaso que os encobre, mostrando-se-nos a toda a luz para que possamos apanhar a verdade e a existencia de tbe simular duplamente. Mas é obvio que tal marcha não pode realizar-se, porque obvio é que quem o inspirou sabia porque o fazia, e fazendo-o não ignorava que devia permanecer occulto.

Mas acresce ainda que esta tatica é muito do nosso particular conhecimento. Trata-se de velhos processos — que por serem muito velhos, a muito poucos illudiu — adotados por todas as policias de todas as cidades do mundo. Basta para isso que estejam em perigo a sua propria segurança e prestigio. Metem-se então na pele do lobo, para que outro lobo — o povo — passe e as respeite. Algumas vezes vão mais longe, e simulando confundir-se com o inimigo, com o seu interesse, as suas paixões, a sua justiça, associam-se a ele para a obra comum de destruição e vingança, e temos, então, em ponto grande e lá longe, a participação official da policia russa nos assassinatos do ministro do interior von Plehve, do gran-duque Sergio e do general Bagdanovich, como tatica para penetrar nos centros revolucionarios, e em proporções mais reduzidas, o assassinato nesta cidade de um policial praticado por agentes da policia e por esta atribuido a elementos igualmente revolucionarios, que a mesma policia, depois, inutilmente denunciou a justiça. Tudo isto seguido de infinitas provocações dirigidas contra o povo, como pretexto e justificativa a cometimentos maiores. Uma reparação de policia é assim um mixto de perfidia e impudor.

E' sob tão vantajoso aspecto que nós nos propomos recomendar a simpatia de todos os trabalhadores, quer sejam ou não anarquistas. Fica-se, desta forma, prevenido contra a surpresa que nos possam causar boletins da natureza daquelle que foi objecto desta carta, mas principalmente contra as surpresas maiores que quasi sempre esses boletins prenunciam.

Alfredo Villa-Sécca.

Anti-clericalis !
Livre-pensadores !
ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS
E' necessario fundar a Federação Brasileira do Livre-Pensamento.

Cheios de pavor ante a atmosfera carregada que a todos preocupa, estão os órgãos das grandes empresas a atribuir aos propagandistas dos ideais avancados intenções mil, dizendo pretenderem: eles, como terriveis revolucionarios, levar a massa a actos subversivos. E seja, se assim a querem. Mas não somos nós sómente que afirmamos ser a situação gravissima, como gravissimas deverão ser as suas consequências. A esse respeito damos hoje a palavra á Gazeta do Povo, órgão do bispado, ao Correio Paulistano, órgão do governo, e a um senador.

Começemos por este artigo de fundo aparecido no numero de 27 do órgão clerical:

“Não é possível com os meros recursos da imaginação, aliás quasi ilimitados, fazer se uma ideia mais ou menos adequada da horrorosa miseria que vai assolando notavel parte de nossa população operaria. E' preciso ver para crer. Ruas inteiras, casa por casa, abrigam, se podemos usar o verbo, eufonico por demais em tal conjuntura, familias e mais familias que estão morrendo á mingua.

Um dos meus irmão de habito visitou ontem vinte e quatro familias encurraladas em alguns predios duma rua sita no Braz, cujo nome temos á disposição da autoridade competente.

Cada quarto serve de habitação a uma familia inteira, ás vezes composta de dez a doze membros. Em aposentos sem outra luz do que a que pode penetrar pela porta, aberta num corredor estreito, sem outro ar do que pode vir deste mesmo corredor, onde se alinham, encostadas ás paredes, as latas forradas de barro que servem mais para destemperar a comida do que para prepará-la, o corredor estreito, enfumacado, cheio de detritos, cheirando á cosinha e a banhos de gente mal lavada, serve de sala de jantar e vivenda para todas as familias aí residentes, recolhendo-se cada qual ao quarto familiar (!) quando vem a hora do repouso. Estendem-se então aí numa promiscuidade indigna de seres humanos.

E pagam pelo aluguel do quarto escuro e nauseabundo de 25 a 30\$ mensais!... O coração sangra ao ver os infelizes — que ás vezes se conhece pelos modos, pelos coicatos, por certa distincção do porte, estiveram em situação bem diferente — encerrados em posição peor do que os proprios animais domesticos.

Muitas senhoras, mães de familia, desatavam em choro ao ver aparecer o sacerdote e entre soluções lhe contavam a infuida desgraça, o marido ha semanas sem trabalho e incapaz de arranjar occupação de qualquer natureza que fosse, as crianças esqueladas e esfomeadas, com os olhos encavados e brilhantes dos que passam fome: é que muitos não tinham tomado o menor alimento desde tres e quatro dias. O pai de familia, com as feições carregadas e os dentes cerrados pelo desespero, ás vezes declarava ao visitante: “Não quero esmola; antes morrer de fome com a mulher e os pequenos! Dê-me trabalho, qualquer que seja, em que possa ganhar o pão para sustentar a familia até findar esta crise! Mais do que isto não quero!”

...Nada adianta fazer belos discursos sobre a caridade, ou o altruismo, como quizerem, extensos relatorios sobre os meios de acudir aos indigentes, constituir comissões e sub-comissões para a distribuição dos socorros, se entretanto inumeros necessitados passam fome. Porque o caso a que nos referimos não é unico.

Como esta rua ha muitas e muitas outras em nossa capital — ruas inteiras ha no Belemzinho, Barra Funda, Bom Retiro e em outros lugares, onde todas as familias, casa por casa, estão nas mesmas condições de imensas penurias.

A morte por inanición é imminente; cumpre acudir com urgencia!

Se um quarto rende ao senhorio 25, 30 e 35\$, dando juros, quasi de 50 % ao ano, não seria caso das autoridades municipais intervir para que cesse tanta extorsão aos proletarios, numa epoca de tamanhos flagelos!

...Não nos detenhemos, quais gregos sofistas, em estereis discussões e bisantinismos inuteis! O nosso operariado perece á mingua; carece acudir-lhe sem demora! Pão para bocas famintas é coisa que deve vir logo e logo sob pena de verdadeiras catastrophes originadas pela alucinacão e desespero dos estomagos vazios.

Da gravidade da situação dos trabalhadores, falou acima o órgão clerical. Das consequências fatais de um tal estado de coisas e muito principalmente dos sentimentos que levam os governantes e os argentinos em geral a se preocuparem da miseria do povo trabalhador, se encarrega o Correio Paulistano, órgão official do governo deste Estado, de nos dizer nos periodos seguintes, transcritos do seu numero de 15 do corrente, edição da noite:

“Todos os que possuem haveres devem, antes de tudo, ter em vista o perigo a que estão sujeitos, se não forem prontamente socorridos os inumeros operarios que lutam, na hora actual, com a falta de meios de subsistencia. E, pois, se quizerem garantir os seus capitais deverão auxiliar fortemente a nobre iniciativa que a imprensa de S. Paulo, tomou a seu encargo.”

Querem maior franqueza? O que os move não é a dor pelo abatimento dos operarios, mas a preocupação de perder os seus haveres, os seus capitais, accumulados a custa da exploração do trabalho dos operarios, se encontram em condições de pobreza.

Ainda uma opinião insuspeitissima sobre a gravidade da situação dos operarios.

O Diário Popular, o grave e conservador vespertino, num artigo em que demonstra claramente o estado precarissimo dos trabalhadores, referindo-se a um discurso do senador Padua Sales, um dos mais achegados ao governo, diz:

“S. S. disse bem interpretar os sentimentos do Senado, lembrando providencias no sentido de acutelar quanto possivel a situação da população, que é das mais angustiosas e prementes.”

... e isto no interesse de evitar grandes embaraços aos poderes publicos do nosso Estado, que amanhã se poderiam ver a braços não já com a questão do café, mas com uma questão social, em que se envolvem o operarios, nesta situação inesperada, despedidos das fabricas e dispensados dos proprios trabalhos empreendidos pelo governo, talvez vejam escassear-lhes dentro em breve o necessario alimento e o necessario conforto dentro das suas casas.”

A situação é das mais angustiosas e prementes, que pode trazer uma questão social. E' um senador situacionista que assim fala.

O comicio promovido pelo Comité Proletario de Defesa Popular e realizado na quarta-feira á noite no Salão Celso Garcia revestiu-se de uma rara imponencia. A' hora marcada, 19, o vasto local da rua do Carmo estava repleto de trabalhadores, notando-se a representação numerosa do elemento feminino. Calculou-se ainda em outro tanto o numero de pessoas que não puderam entrar e que a policia não deixou estacionar. Aberta a sessão por um membro do Comité, que espoz brevemente os seus fins, foi dada a palavra aos oradores das agremiações e periodicos a ele aderentes. Falaram os representantes do Sindicato O. de O. Varios, do Centro Socialista Internacional, do Centro Libertario de S. Paulo, do C. de E. S. da Bela Vista, do Grupo Libertario

da Moeda, da Rebelião, da Lanterna e o director da Capital.

Impedidos a exiguidade do espaço resumimos aqui o que disseram os oradores.

Constatando o horrivel estado de miseria da classe trabalhadora, foram todos concordes em evidenciar a odiosidade da iniciativa da jesuitada de batina e de casaca, que pretende illudir as victimas da sua ganancia com a distribuição de esmolos, e demonstrar que somente os proprios prejudicados poderão minorar as suas tristes condições tomando pelo seu proprio esforço associado todas as regalias concedidas aos capitalistas pela moratoria.

Depois de falarem todos os oradores, foi lida a moção por nós publicada na semana passada e que foi aprovada pela aclamação da avultada assistencia.

Um incidente

Quando falava o representante da Rebelião e foi por ele feita uma referencia á conduta parcial de certa imprensa e a um — não apoiado anteriormente dado pelo director da Capital, quando um outro orador fizera igual censura, um assistente poz-se a gritar, aconselhando que se fizesse retirar da sala quem ele chamava de espiões dos capitalistas.

Provocou essa attitude um grande vozerio, que determinou a retirada dos assistentes, que se achavam na porta de entrada do salão e não se iam bem qual era o caracter do incidente.

Restabelecendo-se, porém, logo a calma, proseguiu a reunião em perfeita ordem até o seu final.

Não houve, entretanto, o panico irrefrenabile de que fala ironicamente o representante do Giornale degli Italiani, que lá esteve e... observou muito mal.

A seguir, o representante do S. O. de O. Varios apresentou a moção seguinte, que teve a aprovação geral:

“Os trabalhadores de S. Paulo, reunidos em comicios no dia 26 de agosto, no Salão Celso Garcia, para tratar da sua situação em face da crise dominante, considerando que somente pela sua união num forte organismo de classe poderão com vantagem defender os seus interesses e conquistar os seus direitos,

O aparato e as intenções da policia

Por mais que nos esforçassemos não poderíamos dar uma ideia aproximada do aparato da policia ao redor do salão. Havia forças de cavalaria, de infantaria e da secretaria por todos os cantos. No viaducto da rua 25 de março, na rua Santa Tereza, ao lado do salão, na esquina da Travessa da Sé e rua do Carmo, nas escadarias da 2.ª delegacia, na Central e não sabemos mais onde, estacionavam as forças, que obedeciam ao mando de um grupo de delegados.

Quando ás intenções que animavam a policia deste civilizado estado, basta registrar o que foi ouvido á porta do salão.

Num grupo de secretas: — Suba lá e ponha-se a gritar para fazer barulho, que quando eles descerem nós meteremos o pau a vontade.

Recomendação do delegado Rudge Ramos ao proprietario do botequim vizinho ao salão:

— Feche as portas, porque hoje nós vamos dar uma lição a essa canalha — e eu não me responsabilizo pelos estragos que a cavalaria fizer quando aí entrar. Hoje não teremos contemplação: apanham mesmo.

Digno de registro, como confirmação dessas humanitarias intenções.

Quando se deu o incidente de que falamos acima e algumas dezenas de pessoas saíram para a rua, o tal Rudge Ramos fez um sinal do meio da rua. As forças cercaram todas as saídas e ele, de revolver em punho esbravejava, julgando chegado o momento da chacina.

Teve, porém, de se contentar com levar, como trofeus, uns poucos de folhetos dos que foram distribuidos no salão.

Entretanto, os capitalistas realizaram socegradamente as suas reuniões. E que estamos na republica do povo e para o povo...

O Fanfulla quiz queam adrecessem bem as suas considerações sobre o comicio para lança-las a publico, pois somente ontem dele se occupou. Depois de afirmar que nele nada mais se fez senão propagar ideias, concluiu dizendo que os operarios

devem sujeitar-se pacientemente á miseria... para não esporem as suas cabeças ás espadas policiais...

E como soluçiona o matutino italiano a situação?

Se não se recordam mais os seus redactores do que escreveram, recorram a sua coleção e verão que a miseria do povo está ali demonstrada, como constado o insuccesso da subscrição promovida pela tal comissão de socorros e a impossibilidade de resolver o problema por esse meio.

Quando á sua afirmação de que ha duas tendencias no seio das associações proletarias, dizemos sem temor de errar ser isso inexacto, pois a moção-manifesto que serve de base á agitação por elas iniciadas, foi aprovada unanimemente, depois de discutida, em uma assembleia dos seus representantes.

A' ultima hora, lemos o numero do Giornale degli Italiani de quinta-feira, que traz um longo comentario sobre o comicio.

O Correio nos entregou esse numero do vespertino italiano ontem á tarde, impossibilitando-nos por isso de fazer hoje os necessarios reparos a esses comentarios.

Entretanto, ha um ponto que exige uma immediata retificação.

Não é verdade que no comicio algum tenha protestado contra a orientação do Comité Proletario de Defesa Popular.

A pessoa que, com os seus gritos, provocou o passageiro incidente, muito ao contrario do que pensa o redactor do Giornale degli Italiani, pedia que se puzesse fora da sala os representantes de certos jornais, que ele chamou de espiões.

Na assistencia notou-se antes o unanime acordo com o criterio da moção apresentada.

Da Porta da Europa

O APOSTOLO DOS CAMPOS

LISBOA, 25 DE JULHO.

Há dias, tive pela primeira vez o prazer de conversar com um trabalhador rural, militante das ideias novas pelos campos do Alentejo. Contou-me alguns pedaços da sua vida e dos seus trabalhos.

A' primeira vista, é um camponês rude como os outros. veste o traje caracteristico: calça apertada, jaqueta curta, carapuça (a carapuça é ainda muito usada no sul de Portugal). Mas ei-lo que fala. Dentro daquelle envoltório tóscico, ha um espirito polido — polido nas serras e campinas, longe dos grandes centros, em contacto com gente inculta! A sua linguagem é fácil, animada, colorida, não despida de correcção, nem, contudo, do pitoresco campestre.

Como estamos na sede da «Juventude Sindicalista», logo se formam em volta de nós — em volta dele, — com alguns veteranos da propaganda, fileiras dobradas de moços, figuras finas de lisboetas, silenciosos, atentos, admirados. Escuta-se. Trocam-se olhares e sorrisos comovidos.

O nosso camponês, quando rapaz, era um valente para a viola e para a cantiga ao desafio. Ninguém o desbancava a improvisar versos, a acudir aos motes com glosas prontas e felizes. Depois veio aquilo das ideias... aquela nobre paixão pela propaganda... aquele labor constante pela emancipação dos seus irmãos de penas e fadigas... Adeus, viola! adeus, fado! adeus, triste canção do sul!

Entretanto, ainda há pouco o nosso poeta rural glosou com quatro décimas um mote anticapitalista, para exprimir as suas esperanças de libertação comum e chamar á revolta os rudes companheiros... E quem dera a muitos vates literários o estro e a espontaneidade daquelle versos que é, muito instado, acabou por nos recitar!

O que tem sido a sua vida desde que foi tocado pelo ardor proselitico! Não deixa escapar um ensejo, durante o trabalho ou as refeições, á hora da sesta ou do recolher, nos pontos de reunião ou pelas estradas

poirentas, o nosso pertinaz semeador de ideias fala á mente e ao coração dos camponeses, lê-lhes brochuras e jornais, insufla-lhes esperanças e ousadias, rasga-lhes diante da vista novos e amplos horizontes. Sob o sol calcinante, ao ritmo das foices, diz aos camaradas, curvados sobre o duro labor, de que mentiras e injustiças eles são victimas, de que força eles podem dispor, como poderão emancipar-se, que futuro podem desde já entrever... O sol ardente brilha e a cadência das foices acompanha o sussurro das suas ardentes palavras...

Depois, os semeadores do pão acabam por compreender o seu irmão, semeador de ideias. Funda-se uma associação; e o nosso evangelizador dá o exemplo da actividade, da dedicação e da coragem. E' ele o secretário do sindicato, é ele que formula e apresenta as reclamações colectivas, é ele que afronta as iras patronais, os anátemas do padre, as raivas e insidias dos politicos, as perseguições da autoridade.

E o que são no tempo essas iras, ódios e despeitos! Na cidade, os que lutam sentem-se amparados, defendidos, animados por uma multidão simpática, por uma opinião esclarecida; o destaque individual não é tam violento como nas pequenas localidades da provincia — onde é preciso enfrentar directamente o inimigo, como se enfrenta o touro nas lezírias...

O «elemento perigoso» é rapidamente conhecido e atacado... O nosso apóstolo rural refere-nos o caso recente de duas ou três mulheres do campo processadas por terem, a exemplo dele, cantado em versos ingénuos, depois publicados, a necessidade da revolta contra a prepotência e a exploração!

Chega, pois, o momento em que o propagandista aldeão se vê forçado, se não está na cadeia, a levantar a sua pobre tenda, indo «pregar a outra freguesia»... Ninguém lhe dá trabalho, fez-se-lhe o cerco da fome. Deixando a boa semente a germinar atrás de si, vai recomençar a sua tarefa em outra parte; as perseguições são como os ventos: espulham largamente os germines, a toda a roda.

As vezes, tem de ir para bem longe, na busca afanosa e humilhante do ganha pão, com a familia atrás, alorje ás costas, por atalhos e caminhos, através de montes e charnecas. Passam-se privações, de quando em quando dorme-se ao relento...

E o nosso bravo militante diz isto com um sorriso animado, os olhos fuzilando de intelligencia.

Em torno, ninguém diz uma palavra. Não é preciso. Todos sabem com certeza o que pensa cada um. Todos fazem o confronto dos seus esforços com os daquelle rural, que ali está, mais uma vez fuçando á miséria, com a intenção de procurar trabalho, da outra banda do Tejo, na descarga das barcas... Todos tiram estímulo daquelle exemplo.

Pois foi este homem que quis conhecer-me, simplesmente porque eu rabisquei duas mal amanhadas lihas dirigidas aos camponeses, as «Geórgicas»! Simplemente porque eu buscara traduzir numa linguagem incerta de cidadão as aspirações profundas do produtor primario! Mas, afinal, foi ele, o bom apóstolo dos campos, que veio entoar-me as Geórgicas mais enternecedoras, e fui eu quem as ouvi silencioso e recolhido.

Neno Vasco.

NA ESCOLA MODERNA N. 2

A Paz Universal — Na sede desta escola, á rua Saldanha Marinho, 66, no Belemzinho, realiza-se amanhã, domingo, ás 14 horas (2 da tarde), uma sessão escolar, na qual, além do programa habitual, o seu professor, o companheiro João Penteado, fará uma conferencia sobre o tema: A Paz Universal. Para assisti-la são convidadas as familias dos alunos e todas as pessoas que se interessam pelo desenvolvimento da obra da Escola Moderna.

ECOS & NOTAS

QUE HONRA!

A Pauliceia, a terra gloriosa dos bandeirantes audazes, teve, em dias do corrente e historico mez, a suprema honra de hospedar o embaixador do Vaticano junto á Republica leiga dos Brasils.

Vimo-lo passear o seu avantajado vulto, coberto com suas vistosas vestes sacras de purpura berrante, pelo triangulo central, seguido pelos lanceiros policias.

Vimo-lo tambem descer as escadarias do presidencial palacio por entre as curvaturas dos governantes e passar depois através das fileiras militares, perfiladas em continencia e ao som da musica, das caixas e dos cornetas.

O mais adiantado departamento desta confederacao republicana orgulhava-se de hospedar o representante do Vaticano, prestando-lhe todas as homenagens do Estado leigo.

Tanto melhor, o povo verá assim a intima ligacao existente entre os seus inimigos.

Na rua 15, ouvimos de alguem, quando passava o aparato prestido, uma frase que vem a calhar. Fechamos com elle esta nota:

— Como está ficando isto!

A GUERRA...

Diz um telegrama de Paris que o *Journal Officiel* publicou o decreto governamental suspendendo temporariamente a lei relativa ao fechamento e dissolucao das congregações religiosas.

E' como temos dito e está fartamente provado: a guerra põe em perigo todas as conquistas do espirito liberal.

E assim vemos, por efeito da guerra, suspensa a execucao da lei que pôs um freio á cupidéz da clerical-nalha.

O despacho diz que o decreto tem efeito temporario, mas dudamos que assim aconteça por vontade dos dominadores, ultimamente em mal disfarçado conubio com a gente da Igreja, como por varias vezes tivemos occasio de evidenciar.

Anima-nos, porém, a firme conviccao de que será o povo quem dirá a ultima palavra neste momento tristissimo da historia.

Então veremos para que valerão os decretos da burguesia mais ou menos republicana, mais ou menos jesuita.

As leis só tem um efeito positivo quando sintetizam o querer popular. E nesse caso não ha decretos capazes de as anular.

O DEDO DE DEUS...

Em Hainaut, no pequenino paiz agora ferozmente atingido pela mania imperialista do fanfarronico kaiser, queimou-se a igreja de Saint Antoine de la Louviere, na occasio em que se celebrava uma missa para pedir a Deus o restabelecimento da paz.

FOLHETIM DA LANTERNA (33)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lanterna'

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XV

Batalha e idílio

— Senhora, defender uma mulher é o dever de qualquer cavaleiro, de qualquer homem de coração. Mas por vós, D. Maria, morreria eu contente!

Os seus olhos encontram-se: Maria sente que Padilla falou com toda a sua alma, que elle é inteira mente dela, e, ebria de ventura, não baixa o olhar: deixa na dele a sua mão, que elle preme brandamente. É uma mutua confissão de amor que se troca assim, e durante algum tempo, mantem-se calados, comungando pelo pensamento sem precisão de palavras — e acham-se eles? — para exprimir o que sentem os seus corações.

Padilla é quem primeiro volta á realidade brutal da situação.

— Não estais ferida, D. Maria? Pergunta elle com voz alterada.

Segundo a laconica noticia telegrafica, no sinistro pereceram quatorze pessoas e ficaram feridas cincoenta.

Baralham-se-nos as ideias ao termos de lançar para aqui os nossos comentarios sobre este facto.

Certamente. Se a igreja é a casa de Deus e nada se faz sem a sua vontade, como diabo foi ella devorada pelo fogo justamente quando lá se encontravam em santa compunção os seus fieis?

E se os pobres crentes foram queimados justamente quando oravam para que a paz voltasse a reinar, é porque o Criador de Poincaré, de Francisco José e do czar evidentemente deseja a guerra.

Pois não lhes parece? Ou então a logica vale tanto como a infalibilidade papal.

NATURALMENTE!

O *Osservatore Romano*, órgão officioso do Vaticano, refere que a guerra deu lugar a imponentes manifestações de simpatia entre religiosos e militares, tanto na França como na Alemanha.

E que ha de extraordinario nisso? Junta-lhes o terceiro elemento indispensavel — o argentario — e teréis a trindade completa que arrastou a humanidade á actual hecatombe guerreira.

Essas tres classes vivem umas para as outras. Não vimos ainda agora ser suspensa em França a lei contra as congregações religiosas?

Deus os fez e o Diabo os ajuntou...

NOTA ALHEIA

Na alta roda clerical:

— Mas então, baronesa, jámais quererá ser minha?

— Oh! defende na Camara o divorcio, e substituirá meu marido.

— Infelizmente, os meus principios religiosos impedir-me-iam de aproveitar uma lei tão imoral!



VIDA OPERARIA

EM SANTOS

Operarios libertados — Os leitores devem estar lembrados das noticias que publicamos sobre a violencia cometida com os operarios Adolfo Anta e Manuel Perdigo, preso este ha alguns meses a espera de processo devido ao caso das obras do Palque Balneario, e condenado a 24 anos de prisão no primeiro julgamento, por ter, em legitima defesa, atirado em um capanga dos argentarios santistas.

Hoje temos a satisfacção de comunicar aos nossos amigos que esses dois companheiros, tendo entrado em julgamento na semana passada, foram ambos absolvidos.

Folgamos em registrar esse acto de justiça.

— Não, senhor Padilla: protegem-me o céu, enviando-vos a tempo.

— E conheceis esse miseravel que onsou...?

— De nenhum modo.

— Cavalga e combate como um fidalgo, mas porta-se como um vil saltador. Marquee-o na frente: tenho que o encontrar.

— Senhor Padilla, não exponhais a vida por mim... que nada vos sou.

Porque pronunciei estas ultimas palavras a donzela, que não tem duvidas sobre o amor do belo cavaleiro? Será para o experimentar?

Padilla recebe um choque em todo o seu ser e responde tumultuariamente:

— Que nada me sois, altos céus!... Maria: é possível que não leiais em mim?

Desta vez, Maria cora, mas sem baixar hipocritamente os olhos, detendo pelo contrario o seu olhar franco sobre quem assim lhe fala; e com voz firme, na qual todavia transparece o seu alvoroço, diz-lhe:

— Senhor Padilla, graves são as palavras que proferis; mas é bem a mim que elas devem ser primeiramente dirigidas?

O mancebo compreende a velada censura e responde:

— Senhora minha, em meu coração vos deixei ler... Amo-vos, D. Maria, e amo-vos desde o primeiro dia em que vos vi. Em vós advinho a coragem altiva, o mais nobre espirito, o mais generoso coração...

Contudo, varios motivos me tem

'ALANTERNA' EM BOCAINA

Recebemos desta cidade a carta seguinte:

« Sr. Redactor:

Peço-lhe agasalho para estas linhas nas colunas de seu apreciado jornal a *Lanterna*, cuja luz se difunde por toda a parte alimentando as esperanças de todas as pessoas que tem ansia de se encaminhar na senda do progresso, do amor e da justiça.

Não sou jornalista, mas como livre-pensador me sinto com força para lançar mão da pena e protestar contra a vasta especulação clerical que aqui se vai desenvolvendo diariamente. E' o cumulo da pouca vergonha. A posse desta parochia, que é uma mina, está sendo motivo de vergonhosa disputa da parte dos sotainas que se apresentam candidatos para o cargo de vigario da mesma.

Depois da retirada do padre Mariano Curia para a Europa, para aqui tem vindo uma chumma de padres de todas as natipes, atraídos todos pelo interesse da posse desta rendosissima parochia. E cada um dos tais faz o possivel para se aposar da presa, empregando nesse sentido todos os meios.

São finórios, os tratantes. Procuram, por isso, captar as simpatias dos graudos, dos mandões cá da terra, que são muito carolas, praticando actos de exagerada religiosidade que se traduzem em missas e mais missas, ladainhas, entontecendo á gente com um desordenado badalar de sinos. O que estamos vendo é o desenvolvimento do fanatismo. Os padres trabalham para isso. Assim vemos pobres e innocentes crianças, por ignorancia de seus pais, atraídas para perto de tais hipocritas, que a pretexto de lhes ensinarem o caminho do céu, bestificam-nas com suas absurdas doutrinas e as apavoram com as penas do inferno.

Não ha muito este povo foi despertado pela grata noticia de que o arcebispo de S. Carlos tinha que passar por esta cidade, em trem especial, e dar da estação, a benção a este obsequioso povo de S. João da Bocaina.

A noticia causou alvoroço entre os catholicos e a camara municipal tomou parte na manifestação, mandando á estação, para salientar a festa, a sua banda de musica. Alem de tudo, deu concessão para que se soltassem foguetes, que a lei proibe de utilizar, sob pena de multa de 50\$, a qualquer laborioso cidadão.

Na estação, houve quem beijasse o anel do bispo e ficasse por isso satisfeito. E dentre as pessoas que isso fizeram, a muitas conheço eu que se não com-

coibido de declarar este amor ao marquez de Mondejar, vosso pai.

— Quais motivos? pergunta Maria admirada.

— Em primeiro lugar, detesto os casamentos para os quais não é consultado o coração. Pois que não é porventura monstruoso ligar por toda a vida dois seres sem que haja amor ou sem que o amor seja compartilhado?

— Duvidaveis dos meus sentimentos?

— Não, replica Padilla; eu adivinhava-os: os nossos corações são feitos para se entenderem. Mas eu queria obter da vossa boca a confirmação deles.

— Pois bem: tendes agora essa confirmação.

— Não basta, e o que vou ter que vos dizer é mais grave: D. Maria, não me pertence talvez esta vida que eu desejaria poder consagrar-vos.

Maria faz um gesto de subito espanto. Padilla prossegue:

— Amo-vos com todo o meu ser e todavia outra divindade existe — meu Deus e vós, Maria, perdoai-me estes dizeres! — á qual ergui um templo no meu peito. Essa divindade, radiosa consoladora dos seres humanos, é a liberdade!

A donzela olha fixamente para Padilla, que suspira e continua:

— Que é a liberdade? Quis-ra? Realidade? Ou coisa impalpavel, intangivel, que não existe ainda e que está destinada a existir um

padecem da sorte das victimas da organizaçao social actual e, quando estas lhes estendem supplicantes a mão — não são atendidas com boa vontade nem recebem mais do que um magro e miseravel tostão, (e isto mesmo para se verem livres da importunação).

E são estes tais que fazem alarde de seus fanfarroneiros sentimentos caridosos doando largas somas em favor das instituições pias, apenas porque, assim, com isso, seus nomes ficam gravados no livro dos registos de donativos com letras de ouro para a posteridade os louvar.

Hipocritas, sandeus!

Bocaina, 20 — 7 — 914.

Laterbo.



SOBRE A MORTE DE PIO XIS

Profecia...

O Estado é profeta. Sim, senhores, o órgão dos factos consumados é dotado do dom da profecia.

Quando foi do ultimo consistorio realizado para preencher os claros nas fileiras cardinaicias, o grave matutino disse que ele seria o ultimo no tempo de Pio Xis.

Tal não tivesse dito, pois a serafica *Gazeta do Povo* encheu-se de brios e protestou contra a agourenta afirmação.

Passaram-se alguns dias e o fofos não trouxeram a noticia de que S. S. Infalivel havia esticado o pernil.

Calcule-se, pois, com que caras não terão ficado o padre Barradas e o seu colega conego, o elegante Manfredo, ao verem confirmada a profecia feita pelo cotidiano da praça Antonio Prado de que o gotoso e catarrento velho do Vaticano não assistiria a outro consistorio...

Morreu de angustia...

Dizem os hipocritas panigristas do velho parasita falecido na semana passada no Vaticano, que a sua morte foi determinada pela dor imensa por ele recebida com a noticia da guerra europeia.

Os grandes tartufos! Pois se ainda no dia 11 os telegramas disseram que o papa, depois de ouvir a leitura dos jornais, recomendou aos seus familiares que orassem pela boa sorte das forças da carollissima casa dos Habsburgos.

Oremos ao deus dos exercitos que desta guerra saiam vencedoras aquelas nações cuja dedicacão pela Igreja seja provada, disse o órgão catolico aqui publicado — e essa era e é o desejo ardente de todos os adeptos do Vaticano, desde o papa até o ultimo dos sacristaes.

dia? Não sei. Mas essa radiosa desconhecida atraí-me. Sinto que os homens, dotados de alma imortal, reflexo do Ente eterno, já não podem crer sem pensar, curvar-se, obedecer, fazer deste mundo para a maior parte dos seres humanos nossos irmãos um interno de oppressão, de desigualdade e de miseria afim de ganhar o céu depois da morte. Caminhamos para coisas formidaveis, choques, convulsões, batalhas que referão o mundo e, impellido por uma força misteriosa que em mim sinto, estou pronto a lançar-me no mais acceso da peleja. Que resultará daí para mim? Talvez a gloria do triumpho, talvez a derrota e a morte. Terei o direito de arrastar a tais provas aquela que amo?

Maria ouviu-o falar sem o interromper, com uma especie de arrebatamento místico feito de jubilo e de entusiasmo. Com os olhos iluminados, a voz grave e vibrante, disse-lhe ela:

— Senhor Padilla, tenho esses mesmos sentimentos e essas mesmas ideias! Creio tambem na possibilidade da justiça neste baixo mundo, na liberdade para todos, mesmo para a mulher, até hoje criatura escrava e sem ideias. Creio tambem que a vossa coragem pôde realizar grandes coisas e se vos não é indifferente terdes a vossa lado uma amiga fiel, uma irmã de armas, por feliz me darei occupando esse lugar.

Estende as mãos a Padilla que

Secção amena

Um catalogo francez de morangueiros indica minuciosamente as diversas selecções de morangos e refere as suas origens e cruzamentos.

Entre as qualidade mais caras, figura o morango *Brillat-Savarin*, «saído de Joana d'Arc e de Santo Antonio de Padua».

O cruzamento de dois santos — do casamenteiro portuguez com a valente Pucelle franceza — não é, afinal, para estranhar, embora a noiva nisso perca o seu titulo de Pucelle...

O verdadeiro milagre está no saboroso fruto... dessa linda união!



— Em caso de perigo, reverendo, as orações de pouco valem: o que é necessario sobretudo é presença de espirito.

— Perdão, eu ainda sou mais materialista: o que é necessario sobretudo é ausencia de corpo.



Uma beata a um medico clerical:

— O doutor tem já mais de noventa anos e ainda tem assim tanto apego a esta vida, parecendo não ter pressa de gozar a bem-aventurança?

— E' que eu, minha senhora, já tenho mais inimigos no outro mundo do que neste...

A "Lanterna" em Mocóca

Recebemos a seguinte carta, que transmitimos aos nossos leitores:

« Caro sr. redactor:

Se não fossem os meus muitos afazeres, já lhe teria escrito transmitindo-lhe alguns trechos de uma conferencia que o ministro protestante sr. Ferraz aqui realizou. Motivos varios fizeram com que só hoje algo da mesma lhe possa dizer.

E como lhe falei em motivos, preciso dizer-lhe de quais se trata. Eu sou quasi privado de qualquer preparo, e competencia para escrever para jornais, tambem não possuo nenhuma. Por isso tenho vacilado em lhe escrever. Mas como achei que algumas das frases proferidas pelo ministro mereceriam ser divulgadas pelo seu popular jornal, enchi-me de coragem, peguei na pena, fumei um cigarro e esperei um momento pelas frases que me deviam saltar da mem como cachões de agua a ferver...

Mas deixemos de divagações, ponhamos a incapacidade de parte e tratemos do assunto grave que me levou a escrever esta mal alinhavada carta.

O sr. Ferraz, ministro protestante, achando-se aqui de passagem, resolveu realizar uma conferencia publica sobre aguer-

as beija com transporte o que ousa mesmo, inebriado, apertar a jovem nos braços, roçando-lhe a fronte com os labios. Por um momento, ficaram assim enlaçados, sentindo os seus dois corações baterem um contra o outro, como num só peito. Por fim, unem-se os seus labios num beijo de fogo.

Esquecer-se-iam assim do mundo, mas uma especie de riso estranho e prolongado os faz sobressaltarem-se, arracando-os ao seu extase. Palidos pelo que fizeram, eles que no entanto corajosamente desafiariam o mundo, arrancam-se aos braços um do outro e olham em volta de si. Instintivamente, Padilla levou a mão á espada, pensando que o inimigo veio de novo surpreende-lo.

O prodigio que a principio os assombra, depois faz com que succeda á sua comoção uma branda hilariedade: não é um homem á espreita que assim ri — é muito simplesmente o cavallo de Padilla que relincha!

Na sua ainda subsistente fé no sobre-natural, fé propria da sua época, não estão longe de ver naquilo um aviso enviado pelo céu.

O profeta Balaão não se viu outrora repreendido pela sua burra?

— Amanhã mesmo, disse gravemente Padilla, terá meu pai a honra de ir falar em meu nome ao senhor marquez de Mondejar.

ra. Mandou distribuir boletins annunciando a mesma e á hora marcada, no vasto salão da Sociedade Italiana se achavam varios credes de diversas seitas religiosas, inclusive eu, que não pertença a credo ou seita alguma.

Mas:

Encaremos as questões Com toda a severidade, Pois que domina a impiedade Nos humanos corações...

Sim, o poeta diz bem: enca-remos a questão.

O orador Ferraz levanta-se, abre um pequeno livro e pede que se entoe um cantico indicado por elle. Começa a cantarella, que se prolonga por alguns minutos. Terminada esta primeira parte, entra-se na segunda: profecias de Malaquias, João, Lucas, David, Abrahão, e de muitos outros. Esses profetas, segundo está escrito no enorme livro que o orador tinha diante de si, haviam profetisado a conflagração europeia e outras calamidades. Passa a le-las e os crentes ficam convencidos da realidade das mesmas, pois que contra os factos não ha argumentos...

Entretanto, na terceira e ultima parte... O conferencista põe os livros de lado, tira os olhos e ei-lo falando calmamente. Começa dizendo que está sob a inspiração divina e que a guerra é um castigo de Deus contra a heresia. Aqueles que tem negado a sua existencia não de ficar agora convencidos do seu erro, pois que a guerra é uma prova eliciente da sua existencia. Todos os reinados, exclama o orador, vão desaparecer com a guerra, e depois surgirá o reinado de Israel — inspirado nas verdadeiras doutrinas cristãs. Quando o mesmo estiver estabelecido, Cristo voltará ao mundo e queimará algum hereje que ainda reste.

Eis aí, sr. redactor, algumas das frases do orador protestante sr. Ferraz, que me fizeram pensar no futuro negro que nos aguarda...

Satanaz.

AOS ASSINANTES DO RIO

Aos nossos assinantes do Rio onde a cobrança é muito difficil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na sede da Liga Anticlerical, á rua do Areal, 38, onde todas as noites, das 19 ds 22 horas, encontrarão o nosso representante Maximiliano de Macedo.

'A LANTERNA'

Nesta capital é vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos: Agencia de jornais, do sr. Antonio Scaifuto, rua 15 de Novembro 51.

CAPITULO XVI

Consequencias dum sonho

Como tinha sobrevivido o jovem cavaleiro toledano tão a proposito para salvar Maria Pacheco!

Em consequencia dum facto que teria parecido milagroso aos candidos crentes daquele tempo, incluídos a ver por toda a parte o dedo da Providencia.

A Gizarra, como numerosas ledoras de signa, acreditava na possibilidade de predizer o futuro, não só pela analise das linhas da mão, mas tambem pelos sonhos. Entrevia, de maneira muito confusa, é certo, a realidade de fenomenos que se ouso hoje mais ou menos admitir com o nome de hipnotismo, telepatia e communicação do pensamento, essa telegrafia sem fio do cerebro, que projecta no espaço os seus effluvios magneticos analogos ás ondas herzianas.

Ora a Gizarra tivera um sonho tão alarmante que não pudera deixar de o comunicar a Padilla. Na noite anterior ao assalto da pequena caravana pela quadrilha de Crotella, vira ella em sonhos Maria Pacheco ameaçada por homens mascarados e chamando por socorro com voz tão pungente que... a dormente acordara. E, ao acordar, ouvira um profundo suspiro. Este suspiro, soltara-o ella propria, mas tão inconscientemente que nem dera por isso.

(Cont. nua).

Biblioteca da "Lanterna,"

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importância.

Retratos de José Nakens, 1\$500 reis. de Pedro Gori, 1\$000 reis. de Caetano Bresci, \$500. Alegoria com o retrato de Forrer, a 1\$000 reis.

B. Carlanonio, Le Istituzioni e la Morale, \$100. Ferri e Cicotti, Contro la marina militare (discorsi) \$300. Per la riduzione delle spese militari, \$300. Resoconto del 1.º Congresso dei lavoratori della terra, \$200.

EM ESPANHOL

Lo que entiendo por libre pensamiento, por Francisco Gien \$300. La educacion sexual, conferencia pela professora Raquel Camafra, \$400. Em todos os preços acima está incluído o porte de correio. Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio: El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo), \$1800. El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordáiz, \$1800. A Una Madre, por Ramon Clieis, \$200. La Democracia y la Iglesia, por Potvin, \$200. La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez, \$200. Sonetos Piadosos, por varios, \$200.

EM FRANCÊS

Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs, \$100. André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Action Ouvriere, \$100. Pedro Kropotkine, L'Esprit de Révolte, \$200.

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa \$100. A questão económica 1911-1912 \$100. Coleção de crônicas do nosso colaborador Neno Vasco: Apesar do titulo — que é o das crônicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um terço deste livro é que é constituído por algumas das cartas enviadas para a Lanterna. O resto é desconhecido para os nossos leitores. Preço, livre de porte, 2\$500.

EM ITALIANO

Romance di una Donna, Angelo Longaretti \$1\$500. Alceste de Ambrisi, L'Argentina e l'Emigrazione Italiana \$300. Antonio Labriola, Del Socialismo \$400. Gaetano Zibordi, La historia di Federico \$400. Um laico, La politica ecclesiastica in Italia \$300. Giovanni de Nava, Delinquenza e Misticismo \$200. P. Guarini, Sole a Scacchi \$400. L. Campolunghe, Azione Sindacale \$300. G. Stivelli, Il Primo Maggio nella letteratura \$400. G. D'Amato, Ai ragazzi felici Paul Adam, Il figliuolo prodigo Francesco Pucci, Il dovere di organizzarci \$200. F. Niccolini, Il pane gratuito Guido Podreca, Il divorzio \$200. Maximo Gorki, Interviste \$600. Il compagno \$200. L'uomo \$200. Eliseo Reclus, I prodotti dell'industria \$200. I prodotti della terra \$200. Leda Rafanelli, Alle madri italiane \$200. Paul Lafargue, Il diritto all'ozio \$200. Dott. G. C. C., Guerra all'alcool \$200. G. Pozzi, Favole ed apologhi socialista \$200. Oreste Ristori, Polemiche sull'Anarchia \$300. Operai, non bevete! \$100. Pietro Kropotkine, L'agricoltura \$200. Leone Tolstói, Contra la guerra russo-giaponesa \$300. E. De Amicis, Il socialismo e Leguaglianza \$100. Consigli e moniti \$100. E. Vandervelde, Le città Piovre \$200. C. Andrea, Un Sogno \$100. Il socialismo \$100. C. Monticelli, Il primo giorno del socialismo \$300. Lo Sciopero \$100. E. Ciacchi, Ai contadini \$100. Le nostre Leghe \$100. Dott. Biel, Il socialismo per tutti \$100. O. G. Viani, Abbecedario dell'economia Sociale \$200. G. Renard, Agli Studenti \$100. Leopoldo de Fazio, Canzone vegetale \$300. A. Valente, Conferenze socialiste \$300. A. G. Paoloni, Primo Maggio \$100.

PASTA DENTIFRÍCIA HYGIENICA garantida semacção nociva sobre o esmalte dos dentes. CARMÉINE (Formula do Chimico G. F.) A CARMÉINE é a melhor e a mais agradável massa das dentifricias. A CARMÉINE limpa e dá alvura aos dentes sem usar nem alterar o esmalte. A CARMÉINE dá a pureza e a frescura da respiração. A CARMÉINE é alcalina e antiseptica por si mesma. A CARMÉINE possui a vantagem de poder ser empregada só. DEPOSITO GERAL: G. PRUNIER, 110, rue de Rivoli, PARIS. Em S. PAULO: J. AMARANTE & C. BARUCEL & C.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista. Cientificamos ás famílias que se acha instalada no prédio da rua Müller, 74, a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspícios do Comité pró Escola Moderna.

Esta Escola servir-se-ha do método inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na experimentação, nas afirmações científicas e racionais, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das facilidades de cada aluno, constarão de — leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde. A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

Engenho Starnato

Sem engagemen para mosgem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente está se espalhando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que atestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante.

RAPHAEL STARNATO. Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro. Fundação e Mechanica, Rua Santa Rosa, n. 2 — S. Paulo.

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS Á RUA SALDANHA MARINHO, 66 S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrução segundo o método racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em prédio que reúne as condições exigidas pela hygiene, a Escola Moderna n.º 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequência de alunos, cuja inscrição para a matrícula é feita mediante a contribuição mensal de 3\$000 para os de cartilha e de 4\$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, também, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o método racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respectivo professor, todos os meses, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde. Aos sábados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos. Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sábados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de ciencias naturais. O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de accordo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

Prof. João Penteado.

APARECER BREVEMENTE

"NOVOS HORIZONTES"

Revista quinzenal de sociologia, arte, sciencia, litteratura e critica

PAGINAS ICONOCLASTAS DE LIVRE EXAME, DE GUERRA ABERTA E IRREVERENTE AO DOGMA, Á ROTINA, AOS PRECONCEITOS E Á TRADIÇÃO

Colaboração revolucionaria — Cartas e artigos demolidoras NUMERO AVULSO 200 RÉIS Correspondencia a Nilo Ferreira, Rua dos Andradas, 87, Rio de Janeiro

POSTAIS DE FERRER

Recebemos uma nova remessa de postais com o retrato de Francisco Ferrer, que são vendidos a 1\$500 a dúzia. Só serão atendidos os pedidos acompanhados das respectivas importancias.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR" Organ da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e notícias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se também da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5\$000; 1 semestre, 3\$000. Paquetes, a 50 réis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pode-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do paiz)

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 páginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Officio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS: Um exemplar..... 200 10 exemplares..... 1\$500 50 6\$000 100 10\$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

NO INTERESSE DA SAUDE PUBLICA O SR LEON BLOCH JULGA DO SEU DEVER PREVENIR OS "SN" DOCTORES QUE OS THERMOMETROS MEDICAEIS VENDIDOS COM O SEU NOME E QUE NÃO TRAZEM A ASSIGNATURA SÃO APENAS UMA FALSIFICAÇÃO GROSSEIRA. Os VERDADEIROS THERMOMETROS MEDICAEIS de LEON BLOCH encontram-se em PARIS, 1, avenue de la République Em São Paulo: J. AMARANTE & C. - BARUCEL & C.

"Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da Lanterna no adiantado Estado gaúcho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios: Em Porto Alegre — Sr. Oldemar Carvalho, Ladeira 56-A; Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366; Em Jaguarão — Sr. Francisco Ve rissimo Alves; Em Bagé — Amantino O. Santos Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda). Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A "LANTERNA" NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos: CAFE CRITERIUM, largo do Rocio, 32. Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate. Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate. Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria. Avenida Passos, 123, engraxate. Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro. Largo da Lapa, 112 com o sr. Jaguarão Bruno. Rua Uruguanayá, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate. Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate. Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Carmo Compas. Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote. Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livre do porte do Correio 500 exemplares 6\$500 300 4\$500 100 1\$500 50 7\$000 Avulso 300

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1889 Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado Pereira & Comp. Avenida Rangel Pestana, 60 — S. Paulo

Lotes de terrenos

EM SANTOS

Vende-se magnificos lotes de terrenos, com 5 metros de frente, por 25 de fundos, na rua Dr. Manuel Carvalho e na Avenida da Abolição — com bonde de 100 réis de porta. Preço 750\$000 o lote. Matadeira pechincha! Matada-se, em Santos, com o sr. Luiz Ratto, na rua do Rosario, 311.

She Gosta e Pede Mais EMULSAO DE SCOTT Protectora Das Crianças A Emulsão de Scott é tão necessaria para as criancinhas que nascem debilitadas como é o mesmo leite para a nutrição e desenvolvimento das crianças em geral. As crianças que tomam a EMULSAO DE SCOTT se criam gordas e fortes e estão isentas do RACHITISMO, da ESCROFULA e bem protegidas contra o ataque insidioso do CRUPE e da TOSSE FERINA, da FEBRE ESCARLATINA, SARAMPO, e outras enfermidades que geralmente escolhem suas victimas entre as crianças de constituição delicada. NÃO CONTEM ALCOHOL, GUAIACOL, CREOSOTA NEM NENHUMA SUBSTANCIA NOCIVA OU IRRITANTE. SCOTT & BOWNE, Chimicos, Nova York

ORIGINAL IN EVERY FEATURE. NEVER BREAKS OR FAILS TO DO GOOD WORK. SHELLS FAST, SHELLS CLEAN, SHELLS EASILY. "BLACK HAWK" CORN SHELLER. A.H. PATCH, CLARKSVILLE, TENN.

CATECISMO ATEU

Pelo correio: 100 12\$000 50 6\$500 25 3\$500 1 \$200 Na redacção: 100 10\$500 50 5\$500 25 3\$000 1 \$200

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS GRENDES De Chacon Siciliani Só com estudo e raciocinio se chega á verdade. É um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma perniciosa, trazendo na capa uma expressiva illustração em triompho. Um volume de 112 paginas, 1\$500. Pelo correio 1\$700.

Coleção completa da "Lanterna"

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna adquirirem a coleção completa dos seus quatro anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam. Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 50\$, os quatro anos da presente fase, encadernadas em capa cartolina. Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivas importancias.

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUA BROCA — PARIS (V) Importante semanario comunitario-anarquista com suplemento literario. Um ano 8 francos Meio ano 4 " 3 mezes 2 "